

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura  
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Segurança Alimentar e Nutricional**

**Período de Análise: 01/11/2013 a 30/11/2013**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## **Índice**

<b>FAO prevê aumento na produção dos principais grupos alimentares.</b> Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 07/11/2013.....	3
<b>Feira auxilia segurança alimentar e fortalecimento da cultura indígena.</b> Juliana Reis – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 11/11/2013 .....	3
<b>Evento fortalece debate sobre capacidade produtiva dos povos indígenas.</b> Juliana Reis – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 18/11/2013 .....	5
<b>Mudanças climáticas ameaçam produção de alimentos.</b> Justin Gillis – Folha de São Paulo, Ambiente. 26/11/2013 .....	6
<b>Congresso de Agroecologia discute impactos de agrotóxicos e transgênicos.</b> Tássia Navarro – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 26/11/2013 .....	7
<b>Na ONU, ministro ressalta a importância da agricultura no enfrentamento da fome.</b> Roberta Paola – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 27/11/2013.....	8

**FAO prevê aumento na produção dos principais grupos alimentares. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 07/11/2013**

SÃO PAULO - Os preços da maioria das commodities alimentares declinaram nos últimos meses, devido ao aumento da produção e da expectativa de que, nesta temporada, a oferta seja abundante, disse David Hallam, diretor da divisão de Comércio e Mercados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em relatório divulgado hoje pela entidade.

A expectativa da FAO é que a produção mundial de carnes cresça 1,4% em 2013. No caso dos lácteos, a estimativa é de um incremento de 1,9% este ano. Espera-se que a maior parte do aumento venha da Ásia, da América Latina e do Caribe.

A FAO prevê que também a produção mundial de açúcar também avance ligeiramente em 2013/14. A expectativa é que o consumo global da commodity cresça cerca de 2% na temporada.

Ainda segundo a entidade, a safra mundial de oleaginosas pode atingir um recorde em 2013/14, com base em uma safra recorde de soja na América do Sul. A projeção é que as reservas globais de cereais tenham elevação de 13% na atual temporada, para 564 milhões de toneladas. Essa expansão resultará em uma relação estoque/uso de 23%, bem acima do recorde de baixa de 18,4% do ciclo 2007/08.

Já a receita com a importação de alimentos deve recuar 3% em 2013, para US\$ 1,15 bilhão, devido ao menor custo dos cereais, do açúcar, de óleos vegetais e bebidas tropicais, embora tendam a se manter firmes os preços de produtos lácteos, carnes e pescados, concluiu a FAO.

*Aumento em outubro*

Por outro lado, os preços internacionais dos alimentos apresentaram em outubro um aumento de 1,3% em relação ao mês anterior, informou a FAO. Os valores, porém, ainda ficaram 5,3% abaixo do registrado em outubro de 2012.

De acordo com a FAO, a elevação deveu-se, principalmente, a uma alta nas cotações do açúcar. Nos cinco meses anteriores, os preços dos alimentos medidos pela entidade tiveram queda, sob o peso de uma forte desvalorização dos cereais.

O índice de preços dos alimentos da FAO, que mede a variação mensal de cinco grupos de alimentos, com 73 itens, sofreu algumas modificações na forma como é calculado mas, segundo a entidade, o novo método não alterou significativamente os valores na série.

---

**Feira auxilia segurança alimentar e fortalecimento da cultura indígena. Juliana Reis – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 11/11/2013**

A cultura indígena é fundamentada na manutenção de elementos tradicionais, como a língua, os rituais e a alimentação. Por isso, cada vez mais, populações buscam conservar e recuperar seus cultivos tradicionais. Uma importante ferramenta nesse processo são as

trocas de sementes, como a que ocorre dentro da 1ª Feira Nacional da Agricultura Tradicional Indígena, promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) durante os Jogos dos Povos Indígenas 2013, em Cuiabá. O evento reúne 15 etnias indígenas brasileiras, que além de comercializarem seus produtos, utilizam o espaço para trocar experiências e sementes com os parentes de outras comunidades.

“Estamos em um momento muito especial. É a primeira vez que se reúne agricultores guardiões de sementes para conversar sobre agricultura indígena.

Como suas roças se estabelecem pela diversidade, quanto maior a variedade de espécies mais segura é a roça em relação a adversidades climáticas e de pragas. Esses momentos de troca são importantes para fortalecer a produção e para garantir a soberania alimentar”, pontua a pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Terezinha Dias.

A população indígena cresce no dobro da proporção da população tradicional, 3,5% ao ano. A parceria do MDA, Embrapa e Fundação Nacional do Índio (Funai) na promoção deste evento destaca o compromisso do Governo Federal na busca pelo etnodesenvolvimento das comunidades indígenas, na produção de alimentos saudáveis em quantidade e qualidade para atender esses povos.

#### *Troca de sementes*

O exemplo partiu da experiência Krahô, em 1995. As lideranças do povo buscaram a Embrapa para resgatar sementes de quatro variedades de milhos indígenas fortemente relacionados a sua cultura. Foi o primeiro passo para fortalecer as estratégias tradicionais de segurança alimentar Krahô, a partir do aumento do número de variedades de produzidas e, conseqüentemente, a quantidade. Atualmente o processo envolve, inclusive, a produção de mudas.

“Fortaleceu a nossa produção e enriqueceu nossa alimentação”, explica o Krahô Fernando Kropká. Eles, que até então dependiam muito da coleta, passaram a cultivar os próprios alimentos. Daí surgiram as feiras de trocas de sementes, a fim de dividir a experiência e fazer circular as espécies recuperadas. A partir de então, o povo realizou nove eventos deste tipo entre diversas etnias, inclusive com comunidades quilombolas.

Há dois anos, quando tiveram contato com a experiência Krahô, os Tupinambá no sul da Bahia se inspiraram e começaram o próprio projeto de recuperação das plantas tradicionais. A princípio com plantas medicinais, até o resgate de espécies que haviam deixado de produzir.

O projeto começou na escola indígena, com os alunos do ensino infantil. “Acreditamos que trabalhar com as crianças seria a melhor forma de reinserir esta cultura e assim as motivar a permanecer na terra”, explica o Tupinambá Erlon Fábio Costa, vice-diretor da Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença.

Para começar, as aulas de ciências passaram a incluir o cultivo de ervas medicinais tradicionais. O trabalho deu tão certo, que passou a incluir a plantação de hortaliças e a redescoberta de espécies perdidas, como inhame. Hoje, os alimentos são servidos na alimentação escolar e as mudas são distribuídas às famílias para formar as próprias roças. A expectativa é ampliar o projeto para todos os 20 núcleos da escola Tupinambá, alcançando a aproximadamente, 1,2 mil crianças e jovens.

---

### **Evento fortalece debate sobre capacidade produtiva dos povos indígenas. Juliana Reis – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 18/11/2013**

Na busca pelo fortalecimento e ampliação das discussões em torno da segurança e soberania alimentar e nutricional dos povos indígenas brasileiros, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) promoveu a 1ª Feira Nacional da Agricultura Tradicional Indígena. Durante nove dias, o espaço montado nos Jogos dos Povos Indígenas 2013, realizados entre 8 e 16 de novembro, em Cuiabá, recebeu cerca de dois mil visitantes que tiveram a oportunidade de conhecer a cultura e o modo de produção das 15 etnias participantes.

Neste período, foram realizadas várias reuniões entre órgãos de governo e indígenas para discutir questões ligadas à produção, comercialização e políticas públicas. A partir dos debates, foram definidas ações necessárias para melhorar a capacidade produtiva dos povos indígenas, tanto para comercialização como autoconsumo. Nos estandes, agricultores venderam seus produtos e trocaram sementes com parentes de outras etnias.

“Por meio da feira cumprimos um papel importante. O de mostrar um pouco do que vem sendo produzido pelos povos indígenas por meio de suas inúmeras etnias espalhadas em todas as regiões do Brasil”, avalia o assessor especial para Povos e Comunidades Tradicionais do MDA, Edmilton Cerqueira. Os resultados também puderam ser vistos nos próprios estandes. Desde o milho, o cará, o chocolate orgânico, o mel, quase todos os produtos levados, foram comercializados.

O evento também funcionou como momento para articulação do MDA com outros órgãos ligados à temática, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Fundação Nacional do Índio (Funai). “Marcou o estabelecimento de parcerias para o fortalecimento das políticas e apoios para a soberania alimentar de povos indígenas. Enquanto instituições do Governo Federal, somos colocados como corresponsáveis no etnodesenvolvimento destes povos na geração de alimentos saudáveis e em quantidade e qualidade para atender suas demandas”, pontua a pesquisadora Embrapa, Terezinha Dias.

Além da Feira, o espaço do MDA recebeu, ainda, o 1º Encontro Nacional de Agentes de Leitura Indígenas, com 18 voluntários de nove estados brasileiros. Eles debateram sobre o papel que irão desempenhar enquanto promotores da cidadania e como a leitura pode servir de instrumento para a preservação da cultura indígena. “O encontro foi enriquecedor e ajudou a aprimorar o incentivo às práticas de leitura nas aldeias. Após as

capacitações, trocas de experiências e oficinas, eles voltaram mais motivados para suas aldeias”, conta a coordenadora nacional do Arca das Letras no MDA, Dione Ferreira.

---

### **Mudanças climáticas ameaçam produção de alimentos. Justin Gillis – Folha de São Paulo, Ambiente. 26/11/2013**

Para ter uma visão do que a mudança climática poderá causar ao suprimento alimentar no mundo, considere o que aconteceu na Europa em 2003, depois que uma onda de calor cortou a produção de algumas colheitas em até 30% e fez os preços dispararem.

Vários pesquisadores concluíram que a onda de calor europeia se tornou mais provável devido à mudança climática causada pelos seres humanos. Os cientistas ainda discutem sobre um período de calor e seca em 2012 nos EUA que reduziu a safra de milho. Sejam quais forem suas origens, ondas de calor como essas nos dão uma prova do que pode nos aguardar no futuro com o aquecimento global.

Entre os que estão ficando nervosos, há pessoas que passam a vida pensando de onde virá nossa comida. "Os impactos negativos da mudança climática global sobre a agricultura só deverão piorar", disse um relatório feito no início deste ano por pesquisadores da Escola de Economia de Londres e um grupo de pensadores de Washington, a Fundação para a Tecnologia da Informação e Inovação.

O relatório citou a necessidade de "colheitas e sistemas de produção agrícola mais resistentes do que os que possuímos hoje no mundo".

Esse talvez seja o maior temor isolado em relação ao aquecimento global: que a mudança climática possa desestabilizar de tal modo o sistema alimentar do mundo que haja o aumento da fome ou até a penúria em massa.

O esboço de um relatório vazado da comissão do clima da ONU, conhecida como Painel Intergovernamental sobre a Mudança Climática, sugeriu que as preocupações do grupo aumentaram e que esse relatório, marcado para lançamento em março em Yokohama, Japão, provavelmente incluirá uma firme advertência sobre os riscos ao abastecimento alimentar.

O tom é notadamente diferente do de um relatório do mesmo grupo de 2007, que discutia alguns riscos, mas via o aquecimento global como algo que provavelmente beneficiaria a agricultura em importantes regiões de plantio.

Desde então, novas pesquisas contiveram essas suposições.

Um grupo de cientistas desenvolveu maneiras mais sofisticadas de analisar a relação entre a agricultura e o clima. Seu trabalho sugere que o aumento do calor em algumas áreas de plantação já está causando uma redução da produção, e cresce a possibilidade de efeitos muito mais sérios conforme o aquecimento global continua.

Os cientistas há muito tempo esperavam que o efeito do calor e da água sobre as colheitas pudesse ser compensado pelo o que gera o aquecimento global: o aumento

acentuado de dióxido de carbono no ar. Esse gás é o principal suprimento alimentar para as plantas, e um grande corpo de evidências sugeria que o aumento atual de CO<sub>2</sub> poderia incentivar a produção das colheitas.

Mas muitas dessas evidências vieram de testes em ambientes artificiais como estufas. Cientistas mais jovens, que insistiram em testar as colheitas em condições naturais, mais parecidas com o mundo real, descobriram que o aumento da produção, embora real, não era tão grande quanto se esperava e talvez não fosse suficiente para compensar os outros estresses do aquecimento global.

O maior temor alimentar deste século ocorreu em 2007 e 2008. Vários anos de produção agrícola ineficiente, causados em parte por extremas condições climáticas, chocaram-se com a demanda crescente. Os preços dos principais cereais mais que duplicaram, países inteiros fecharam a porta das exportações alimentícias, houve pânico de compras em muitos mercados e tumultos em mais de 30 países.

A boa notícia é que a agricultura tem uma tremenda capacidade de se adaptar a novas condições, incluindo um clima mais quente. As colheitas podem ser plantadas mais cedo e novas variedades mais resistentes ao estresse climático podem ser desenvolvidas.

Mas especialistas dizem que a pesquisa necessária para fazer tudo isso acontecer está recebendo pouco estímulo. "Sucessos do passado na agricultura deram uma falsa sensação de segurança a muitos dos que estão em cargos de decisão", disse L. Val Giddings, membro adjunto do grupo de pensadores de Washington e coautor de seu relatório. "Faz muito tempo desde que algum deles realmente sentiu fome."

---

### **Congresso de Agroecologia discute impactos de agrotóxicos e transgênicos. Tássia Navarro – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 26/11/2013**

O segundo dia do Congresso Brasileiro de Agroecologia, em Porto Alegre, iniciou com um debate recorrente sobre os riscos do uso de agrotóxicos. O primeiro painel desta terça-feira (26), A luta contra os agrotóxicos e transgênicos: impactos e perspectivas, levantou questões como a contaminação de animais, pessoas e alimentos por meio desse tipo de produto químico e trouxe a proposta de uma reflexão sobre quais são os reais benefícios dos agentes químicos.

Um número crescente de agricultores tem ingressado na produção orgânica ou agroecológica, sem uso de pesticidas. Hoje, na agricultura familiar brasileira existem 75 mil agricultores nesse tipo de produção. No Rio Grande do Sul são 8.500 agricultores declarados. Segundo o representante do Grupo de Estudos em Agrobiodiversidade do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário (GEA-Nead/MDA), Leonardo Melgarejo, isso se deve ao fato de a agricultura familiar exigir relações mais amistosas com o meio ambiente e uma recuperação da capacidade produtiva.

Melgarejo levantou a questão dos transgênicos no Brasil fazendo uma breve revisão sobre a tecnologia do DNA combinante, e explicou que o valor dos transgênicos está

associado ao valor da comercialização. "Há uma análise socioeconômica que pressupõe que os produtos diminuem o custo de produção, aumentam a produtividade e essa diferença gera um bolo de recursos, o que seria um benefício para a sociedade", explicou. "Estamos abandonando o potencial produtivo para incorporar o uso de agrotóxicos", concluiu.

### *Argentina*

Para debater a questão dos agrotóxicos o representante da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Wanderlei Antônio Pignati, apresentou uma avaliação integrada dos impactos dos agrotóxicos na saúde e ambiente em Lucas do Rio Verde (MT), de 2007 a 2010. "Foram encontrados vários tipos de agrotóxicos na água dos poços, da chuva, no ar, no sangue e urina de professores das escolas da zona rural e urbana do município e até no leite materno. Quanto mais perto da zona rural mais altos eram os índices", ressaltou Pignati.

Como experiência internacional, o representante da Rede de Ação em Praguicidas e suas Alternativas para a América Latina (Rapal) na Argentina, Javier Souza Casadinho, apresentou um relato do uso de preguiçadas no país. Segundo ele, em 1996 foram utilizados 30 milhões de litros de agrotóxicos na Argentina. Em 2007, esse número subiu para 270 milhões de litros. "Estamos trabalhando fortemente, na Argentina, a forma de produção agroecológica como uma saída para diminuir o uso de agrotóxicos", afirmou.

---

### **Na ONU, ministro ressalta a importância da agricultura no enfrentamento da fome. Roberta Paola – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 27/11/2013**

Durante o ano de 2014, representantes do governo e da sociedade civil de todo o mundo intensificarão os debates sobre a importância da agricultura familiar para promoção da segurança alimentar. As discussões sobre o tema ocorrerão no âmbito do Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF 2014), instituído pelas Organizações das Nações Unidas (ONU). Na avaliação do ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Pepe Vargas, a abordagem oferecerá uma grande oportunidade para consolidar o papel desse setor no desenvolvimento sustentável dos países.

“Para nós, o Ano Internacional da Agricultura Familiar já começou e queremos intensificar os trabalhos de organização das suas atividades para que ele não seja apenas uma data comemorativa, mas um momento de ampliação e reconhecimento da agricultura familiar como parte constitutiva do desenvolvimento dos nossos países e, com isso, construir e aperfeiçoar as políticas necessárias para o fortalecimento dos agricultores familiares e de suas organizações políticas e econômicas”, afirmou Pepe Vargas na cerimônia oficial de lançamento do AIAF, nos Estados Unidos, no último dia 22.

Ainda em seu discurso, o ministro ressaltou as políticas públicas que conciliam a oferta de segurança alimentar e nutricional para as populações em situação de vulnerabilidade social, com o fomento à agricultura familiar. “Felizmente, estamos superando a ideia de que bastam os mecanismos de mercado e livre comércio internacional, para dar conta dos enormes desafios de alimentar milhões de pessoas em situação de fragilidade econômica e social. O mercado é importante e o comércio internacional é decisivo para suprir as necessidades de uma população que continua crescendo. (...) Mas, por mais importantes que sejam o mercado e o comércio internacional, a oferta de políticas públicas de crédito, seguro agrícola, garantia de preços, assistência técnica e extensão rural, acesso às compras governamentais, entre outros instrumentos, é decisiva para garantir o desenvolvimento da agricultura familiar”, ponderou.

“O nosso país, desde 2003, em um rico processo de participação social, a partir do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, construiu essa estratégia de via dupla, por meio de compras governamentais de alimentos por agricultores familiares para a alimentação escolar e para doação à rede de assistência social”, referindo-se ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

A definição conjunta de conceitos prioritários para o encaminhamento de programas e ações mundiais - como a definição do termo “agricultura familiar”- também foi citada como um avanço que facilitará o desenvolvimento dos debates no AIAF. “O Brasil sente orgulho de participar da construção desses conceitos e referências, a partir dos nossos fóruns multilaterais. Fóruns que contam com a participação dos governos e da sociedade, a exemplo do Conselho de Segurança Alimentar da FAO [Organização das Nações Unidas pela Alimentação e Agricultura]. (...) Reafirmamos nosso compromisso com esse processo e com a organização das atividades do Ano Internacional da Agricultura Familiar”.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,  
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,  
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**  
Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**cpda** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214  
Fax: 21 2224 8577 – r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa